

#16 | JANEIRO | 2011

BETAR & ZARZ ELE

Columbano

Columbano Bordalo Pinheiro foi um dos maiores pintores portugueses do século XIX. Para ver, no Museu do Chiado

B
BETAR

Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.



GOA[®]
GESTÃO DE OBRAS DE ARTE

SALVAGUARDE O SEU INVESTIMENTO

SISTEMA DE GESTÃO DE OBRAS DE ARTE
Conheça as suas Pontes

O Sistema de Gestão de Obras de Arte-GOA foi desenvolvido integralmente pela BETAR Consultores, tornando-a pioneira nesta área. Desde 1998 a BETAR assume-se como líder de mercado na Gestão de Obras de Arte

DEIXE-NOS OLHAR PELAS SUAS PONTES
Inspecções periódicas

A equipa técnica da BETAR conta com milhares de inspecções realizadas; tendo uma vasta lista de entidades que já recorreram aos nossos serviços



FICHA TÉCNICA:

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIRECÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDACTORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt

B
BETAR

Como não podia deixar de ser, as sugestões culturais renovam-se no novo ano.

No cinema, José Mendonça elege *Cela 211* e *O Americano*, duas estreias impressionantes, e na música as propostas vão do fado ao jazz, passando pela ópera, para que possa escolher ao seu gosto.

Ainda por cá, as exposições em Lisboa são de Didier Fiúza Faustino e Columbano Bordalo Pinheiro e no teatro há uma peça interpretada por Virgílio Castelo, no Tivoli, e o mais recente musical de Filipe La Féria, no Politeama. Se preferir, pode ir até ao Porto onde há também imensa variedade de eventos culturais. Já “lá fora” pode ver Rubens, Van Gogh ou Bridget Riley, nos grandes centros de arte europeus.

Para quem gosta de ler, sugerimos *Gomorra*, do italiano Roberto Saviano, e *Histórias Daqui e Dali* do chileno Luís Sepúlveda.

À semelhança das edições anteriores, contamos com os artigos de opinião José Pedro Ferreira e Raquel Magalhães, a quem remetemos os nossos agradecimentos pelas brilhantes sugestões.

No final de 2010 prometemos surpresas e, como somos uma empresa de palavra, esperamos apresentar-lhe novidades já no próximo mês.

Até lá!

JOSÉ PEDRO VENÂNCIO

Quando pensamos que já não é possível inventar mais nada, o cinema revela-nos novos, e bons, argumentos. Eis as mais recentes estreias de Monzón e Corbijn, propostas por José Mendonça.

NO GRANDE ECRÃ

Cela 211

Para ver sem preconceitos



Título original: Cela 211
De: Daniel Monzón
Com: Alberto Ammann, Luis Tosar, Marta Etura
Género: Thriller
Classificação: M/16
Espanha, 2009, 109min

O Americano

A última missão



Título original: The American
De: Anton Corbijn
Com: Gerge Cloney, Bruce Altman, Thekla Reuten e Violante Placido
Género: Thriller
Classificação: M/12
EUA, 2010, 100min

O “filme de prisão” constituiu um género com pergaminhos garantidos nos anos 30. Não se espera, contudo, que este thriller espanhol, vencedor de vários Goyas (os Óscars de Espanha) se pareça com aqueles filmes, embora mantenha uma característica comum: a denúncia de um sistema policial injusto que leva a uma revolta sangrenta.

Constrói-se em volta de um grupo de presos que toma de assalto um bloco prisional, em Zamora. Reivindicam melhores condições e o fim da violência e do impiedoso isolamento. Tomam como reféns três presos políticos da ETA, cuja morte pode causar problemas ao governo espanhol. Ao grupo de amotinados junta-se um guarda, confundido com um prisioneiro, que depressa se torna o braço direito do líder da revolta.

É um filme inteligente, com um ritmo alucinante, não se elidindo de uma dimensão política global, factores de pressão e desafios à ordem instituída.

O Americano é um filme interessante, com um começo lindíssimo. Um homem e uma mulher, deitados numa cama, com a postura de quem acaba de fazer amor... Minutos depois aparecem vestidos, numa paisagem branca, de neve, como quem vai passear... Em seguida ouve-se um ruído e um tiro. Ela morre. Ele procura o vulto atrás de uma árvore e mata-o.

Está lançado o mistério. Estamos na Suíça. Ele é um fabricante de armas. Depois de um telefonema, um encontro em Roma onde lhe dão as chaves de um carro e o mandam esperar por novas ordens. Na cena seguinte é contactado por uma linda e misteriosa jovem que lhe encomenda uma arma especial, com silenciador.

Durante a sua estada numa pequena cidade italiana, ele cria laços com um padre, com quem troca confidências, e uma prostituta, a quem se liga emocionalmente.

No final, era suposto casar-se mas não escapa incólume ao seu passado...



clássicos **O Vale era Verde**

Foram os westerns que tornaram Ford famoso mas o cineasta nutria um apreço especial por todas as coisas relacionadas com a Irlanda. Todavia, a sua versão do romance de Llewellyn não transpõe a acção dos vales galeses e das suas minas de carvão para terras irlandesas. Em vez disso, o filme, vencedor de vários Óscars, está imbuído da mesma nostalgia pelos prazeres da vida em família e no campo. A Gales de Ford, à semelhança da sua adorada Irlanda, é, acima de tudo, um país mental, se atentarmos na forma como o realizador as descreve no grande ecrã.

A estória é narrada por um homem que

recorda a sua infância e os tempos em que era o filho mais novo da família Morgan. Todos os dias via o pai e os irmãos subirem a colina em direcção à mina. Relembra as dificuldades e as mortes trágicas mas também o sentido de comunidade que presidia ao quotidiano da aldeia. Uma união feliz que se perdeu, para sempre, quando os cortes salariais deram origem a greves e conflitos, e os rapazes partiram para os EUA. Uma película constituída por memórias agrídices...

Título original: How green was my valley
De: John Ford
Com: Walter Pidgeon e Maureen O'Hara
Género: Drama
Classificação: M/12
EUA, 1941, 118min

Porque a variedade de gostos é infindável, tentamos apresentar as ofertas mais diversificadas... Do Jazz ao Fado, sem esquecer a componente da dança, aqui ficam as sugestões para Janeiro.



Steve Lehman Octet

Dia 26 às 21h30 na Culturgest

JAZZ

A nova formação de Steve Lehman foi a maior surpresa do jazz novaiorquino em 2009 e o CD então publicado, *Travail, Transformation, and Flow*, transitou de imediato para o topo das listas de melhores do ano em todo o mundo, Portugal incluído. O saxofonista baseou-se numa construção rítmica que “bebeu” do *hip-hop* e do *drum'n'bass*. Este mês, vamos poder assistir a uma das maiores inovações do jazz nas últimas décadas.



The Legendary Tiger Man

Dia 22 às 22h no Coliseu dos Recreios

CONCERTO

Mais do que um concerto especial, a passagem pelos Coliseus torna-se invariavelmente num dos momentos definidores da carreira de um músico em Portugal. The Legendary Tiger Man chega finalmente às salas de Lisboa e Porto para rever uma brilhante carreira que teve início em meados da década de 90. Para os concertos, o músico português promete passar em revista todo o seu percurso. A não perder!



Marco Rodrigues: Tantas Lisboas

Dia 21 às 22h no Centro Cultural Olga Cadaval

FADO

Este mês Marco Rodrigues apresenta o seu segundo álbum, *Tantas Lisboas*, que inclui alguns clássicos - como o lendário Fado do Estudante interpretado por Vasco Santana no filme *A Canção de Lisboa*, e outros fados tradicionais - e muitos originais. Neste álbum o fadista contou com as vozes de Carlos do Carmo e Mafalda Arnauth e com letras de Tiago Machado, Boss AC, Tiago Torres da Silva e Inês Pedrosa.



Trompe le Monde de Márcia Lança & Nuno Lucas

Dias 21 e 22 às 21h30 na Cuturgest

DANÇA

Trompe le Monde é um movimento permanente de reinvenção, de descoberta, de abertura a novos lugares. Dá a ver o invisível, assumindo uma ingenuidade infantil no fazer de conta, no fazer desaparecer e aparecer... Temos que fechar os olhos para ver. Imaginar. Esta performance propõe um espaço de silêncio para o olhar. O maravilhoso mundo do não dito. *Trompe le Monde* é a arte de coreografar o imaginável...



Concertos e Óperas em Janeiro

por António Cabral

*Novo Ano, Novas Músicas.
Atenção a Janacek, Bela Bartok
e a Esa-Pekka Salonen...*

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

6/1 2 às 21 horas e 7/1 2 às 19 horas
(Grande Auditório)

Uma ópera em versão de concerto: “A Casa dos Mortos” do checo Janacek, segundo o romance de Dostoiévski. É a última ópera deste genial compositor. Solistas, Coro e Orquestra Gulbenkian e a direcção do maestro (e também compositor) Esa-Pekka Salonen. Uma outra ópera de Janacek pode ser vista no S.Carlos como adiante referiremos.

11/1 às 21 h (Grande Auditório) e 13/1 às 21 h (Coliseu)

Dois concertos com a Orquestra Philharmonia, o Coro Gulbenkian e ainda o maestro Esa-Pekka Salonen; Dia 11 – Ravel (*Ma mère l’Oye* e *Bolero*), Esa-Pekka Salonen (concerto para violino e orq.), Bela Bartok (música para cordas, percussão e celesta); Dia 12: Bela Bartok (*O Mandarin Maravilhoso* e a cantata *Profana*) e Igor Stravinsky (*A Sagração da Primavera*)

21/1 e 22/1 às 21 horas (Grande Auditório)

Dois concertos com a Los Angeles Philharmonic e a coqueluche dos jovens maestros - Gustav Dudamel; Dia 21: John Adams, Leonard Bernstein e Beethoven; Dia 22: A Sinfonia nº 9 de Mahler

27/1 às 21 horas e 28/1 às 19 horas (Grande Auditório)

Um tenor excepcional: Christoph Prégardian; Solistas e a Orquestra Gulbenkian, Dir. Simone Yong. No programa: 27/1: Benjamin Britten (serenata Op. 91 e duplo concerto para violino, viola e orquestra); 28/1: Schubert (*A 9ª Sinfonia - A Grande*)

Nota: Os outros concertos de Janeiro não são para desprezar.



Janacek

CENTRO CULTURAL DE BELEM

29/1 às 21 horas (Grande Auditório)

Concerto da Orquestra Sinfónica Portuguesa, direcção de Martin André e o violoncelista Pavel Gomziakov. No programa música checa da melhor qualidade: Dvorak (concerto para violoncelo e orquestra), Martinu (*Sinfonia nº 6*) e Janacek (*Taras Bulba*)

TEATRO DE S. CARLOS

8,10,12,14, e 18/1 às 20 horas e 16/1 às 16.0 às 16 horas

KATIA KABANOVA, ópera de Leos Janacek; solistas checos, orquestra e coro do teatro S. Carlos, dir. Julia Jones e encenação de David Allen. No mesmo mês duas óperas de Janacek é um luxo. Se não puderem ver (ouvir) as duas, não percam pelo menos uma.

ARTES

Se não tem o hábito de ir ver exposições de arte, o novo ano traz-lhe os pretextos ideais para começar a fazê-lo. A Artes&Letras apresenta-lhe duas mostras, no mínimo, interessantes...



Didier Fiúza Faustino: Não Confiam nos Arquitectos

De 14 de Janeiro a 3 de Abril na Fundação Calouste Gulbenkian

Numa publicação destinada maioritariamente a arquitectos, parece um absurdo apresentar uma mostra chamada “Não confiem nos arquitectos”. Mas a vida está cheia de contra-sensos...

Didier Fiúza Faustino nasceu em Paris, em 1968, mas é de origem portuguesa e o seu trabalho desenvolve-se entre a capital francesa e Lisboa. Este artista tem explorado as relações entre a arquitectura e as artes plásticas, debruçando-se essencialmente sobre a questão do espaço. Fiúza Faustino parte da arquitectura para realizar trabalhos experimentais na fronteira entre as artes visuais e o design. É exactamente isso que vai poder ver nesta exposição. Composta por múltiplos

suportes, desde o vídeo à instalação sonora, passando pela escultura e performance, esta será a maior mostra do arquitecto no nosso país. Nela se reapresentam as suas obras mais recentes mas também obras inéditas. Curioso...

Columbano

Até 27 de Março no Museu do Chiado

Columbano Bordalo Pinheiro foi o maior pintor português do século XIX. O artista que melhor expressou valores de modernidade, numa situação única na arte nacional, começou por registar os ambientes burgueses, como um cronista radical da vida moderna e, já na viragem do século, foi testemunha atenta da sociedade portuguesa, ao longo de três gerações. Inventariou as mais destacadas figuras da intelectualidade nacional, - como Antero de Quental, Eça de Queirós, Fialho de Almeida e Teixeira de Pascoais - por vezes em quadros de uma irrealdade extremamente original. Os núcleos da presente exposição exibem 75 peças referentes a estas temáticas - maioritariamente pertencentes ao museu que dirigiu entre 1914 e 1927 - mas conta também com a colaboração de colecções particulares, instituições nacionais e museus internacionais - como Orsay, Pitti e MNBA - que apresentam pinturas nunca expostas em Portugal.



TEATRO

Nobel da Literatura, Globo de Ouro e sucesso da Broadway são expressões que se relacionam com estas as peças. Textos extraordinários, encenações ambiciosas, interpretações brilhantes...



Um, ninguém e cem mil

Uma peça que alia um texto de um Nobel da Literatura a uma interpretação de um vencedor do Globo Ouro Melhor Actor de Teatro só pode ser de altíssima qualidade.

“Um, ninguém e cem mil” é a história de um banqueiro influente, de nome Moscarda, que após um simples comentário da mulher ao seu nariz, vê a sua identidade posta em causa e descobre que há uma infinidade de “moscardas” na perspectiva dos outros. A banal constatação da sua pequena imperfeição física provocará comportamentos cada vez mais estranhos para os que o rodeiam, levando-o progressivamente à loucura e à quase bancarrota.

Humorística e profundamente irónica, esta peça baseia-se no último romance publicado por Luigi Pirandello, considerado pela crítica como um dos pontos mais altos de toda a sua obra, que marcou, de forma original, a literatura do século XX.

Teatro Tivoli

Preço: Indisponível
Data: 28, 29 e 30 de Janeiro
Encenação: Nelson Monforte
Interpretação: Virgílio Castelo

Um Violino no Telhado

Um Violino no Telhado é o musical que conquistou o coração de milhões de pessoas em todo o mundo. Baseado em obras de Shalom Aleichem, e estreado num dos mais carismáticos teatros de Nova Iorque, em 1965, ganhou todos os Tony Awards, um ano após a sua estreia, tendo sido transposto para o cinema por Norman Jewison, num filme que é hoje considerado um clássico da Sétima Arte.

O texto que se tornou um grande sucesso na Broadway, deu agora origem à mais recente peça de Filipe La Féria. *Um Violino no Telhado* fala sobre o impacto das mudanças sociais e políticas no seio das comunidades e famílias comuns, assim como das consequências do preconceito e da intolerância.

Conta a história de Tevye, um leiteiro judeu, e da sua família, e da luta que ele trava para manter a tradição judia num mundo de incertezas e em constante revolução. Um leiteiro pobre que, com amor, orgulho e fé, ultrapassa as repressões de uma Rússia czarista.



Teatro Politeama

Preço: Entre €15 e €35
Data: Este mês
Encenação: Filipe La Féria
Interpretação: José Raposo e Rita Ribeiro

LIVROS

Recebeu livros no natal?
Então aproveite!
Não recebeu? Não é desculpa
para não ler! Aqui ficam
duas sugestões...



Roberto Saviano *Gomorra*



Compreender o que significa o atroz, não negar a sua existência, enfrentar sem preconceitos a realidade". A frase de Hannah Arendt é uma das que serve de introdução ao livro de Roberto Saviano, escritor italiano de 31 anos. E não podia vir mais a propósito. Este jornalista nascido em Nápoles, viveu infiltrado na Máfia da sua cidade e, em 2006, resolveu contar histórias daquilo que viveu. Chamou "Gomorra" ao livro, numa alusão bíblica ao que se passa na camorra napolitana. E já foi adaptado ao cinema com um estrondoso sucesso.

É um livro polémico, que descreve esquemas de negócio, ajustes de contas, formas ilegais de ganhar dinheiro e de "eliminar" quem é inconveniente aos interesses do grupo. São histórias vividas e contadas na primeira pessoa. Saviano sabia que corria

riscos pela publicação deste livro. Foi várias vezes ameaçado de morte e é forçado a viver com escolta policial e sempre a mudar de hotéis, para que não seja encontrado. A Máfia de Nápoles não esquece esta "traição" de um dos seus, pelo que todos os passos deste jornalista são cuidadosamente vigiados, bem como as sessões de autógrafos, viagens, tudo o que envolva a sua exposição pública.

Saviano já disse em várias ocasiões que, apesar deste modo de vida que escolheu, como consequência da publicação de uma obra tão polémica, não está arrependido, porque espera ter contribuído para que o mundo conheça melhor como funciona esta espécie de sub-mundo, onde qualquer método é válido para serem atingidos os objectivos, normalmente ilegais.



Gomorra
Roberto Saviano
Caderno, 2008



Luis Sepúlveda *Histórias Daqui e Dali*



Luis Sepúlveda é o mais famoso escritor chileno de todos os tempos. Reflete como poucos sobre a vida no seu país e sobre a forma como a ditadura de Pinochet afectou a vida de todos os seus conterrâneos, em especial aqueles que vivem nos bairros mais miseráveis de Santiago. Mas a sua preocupação não é apenas social, com uma observação atenta da parte de quem viveu exilado durante 14 anos. Sepúlveda tem também preocupações com a ecologia, e parece estar no país ideal, ou não fosse o sul do Chile um dos locais onde melhor se podem observar as consequências das mutações climáticas no planeta.

Este livro, "Histórias Daqui e Dali", conta isto e aquilo, fala sobre a economia, a ecologia, a política, a religião. É uma visão na primeira pessoa de alguém que se preocupa com aquilo que observa. E não apenas do Chile. Como afirmam as críticas ao próprio livro, trata-se de pisar o território dos derrotados, que se negam a aceitar a derrota. São histórias variadas, todas muito realistas, mas todas elas nos fazem pensar: no mundo em que vivemos, nas nossas atitudes diárias, no que queremos para o nosso futuro e o dos nossos filhos, se a nossa atitude perante as situações da vida é a mais correcta.



Histórias Daqui e Dali
Luis Sepúlveda
Porto Editora, 2010

Barroco, Naturalismo, Impressionismo e Abstraccionismo... Algum destes movimentos artísticos o cativa? Todos eles estão patentes em Madrid, Amesterdão ou Londres...



Museu do Prado, Madrid

Rubens

Até 23 de Janeiro

Depois de uma década sem que as suas obras fossem expostas, Rubens tem novamente lugar de destaque no Museu do Prado.

Os visitantes serão encaminhados até à espinha dorsal da colecção do Prado dedicada ao artista belga. Esta é a maior e uma das melhores colecções de Rubens no mundo, ele que é um artista com muitos trabalhos dispersos em diversas instituições. Uma verdadeira referência para os amantes do Barroco.

Van Gogh Museum, Amesterdão

Vincent van Gogh and Naturalism

Até 6 de Fevereiro

Vincent van Gogh foi um grande admirador dos pintores naturalistas. Ao longo da vida, reuniu uma extensa colecção de quadros de artistas desse período, os quais estudou minuciosamente ao ponto de se tornarem uma grande fonte de inspiração.

A par dos seus trabalhos, essas obras fazem parte da colecção do Van Gogh Museum, e estão agora patentes ao público. Exposta está, também, uma série de obras onde é reflectido o seu percurso artístico.



National Gallery, Londres

Bridget Riley

Até 22 de Maio

Bridget Riley é uma das artistas mais significativas e originais do nosso tempo. Esta exposição vai permitir que os visitantes conheçam a colecção da National Gallery que incide sobre as obras mais recentes da pintora abstraccionista. Duas das peças de Riley serão criadas directamente nas paredes do espaço expositivo da sala Sunley. Uma delas será uma versão da pintura "Arcádia", vista pela última vez em Paris, em 2008, que irá ser recriada numa escala superior, agora na cidade onde nasceu.

Novo ano: continua a haver muita coisa para fazer no Porto! Siga as propostas da Maria João Duarte e não vai arrepender-se...

Música

"Vamos cantar as Janeiras", Rancho Folclórico do Porto no Museu Romântico da Qta da Macieirinha (8). **COLISEU:** "Strauss Festival Orchestra" (7); "The Legendary Tigerman", nome artístico de Paulo Furtado, o blues português (21); "Deolinda" (22); "Harlem Gospel Singers Show" (5 e 6 Fev). **CASA DA MÚSICA:** "Mário Laginha" (7); "À mesa com música: Tafelmusik", nome da música que acompanhava refeições festivas, sendo a de Telemann composta em 1733-Orquestra Barroca (9) "Luís Figueiredo Trio, Jazz" (11); "Era Uma Vez na América", música americana do séc. XX (14); "Arditti Quartet", cordas (20); Joanna Newsom, harpista, pianista, cantora e compositora californiana+ Alasdair Rober, músico escocês de canções tradicionais contemporâneas (24); "Steve Lehman Octet", jazz novaiorquino (25); "Yasmin Levy", cantora Israelita, fusão de Ladino (música judaico-espanhola) e flamenco (26); "Banda Sonora de "2001, Odisseia no Espaço" (29); Afonso Pais guitarrista (22h), jazz (30). **HARD CLUB:** Xutos & Pontapés (13); "Feeder" grupo de rock britânico (25); "The Young Gods", banda suíça de música electrónica (29).

Exposições

SERRALVES: "BES Revelação" projectos vencedores (Museu até 16). "Sobre Arte, Cultura e Política: um Arquivo", em complemento à exposição "Às Artes, Cidadãos" (Biblioteca até março). "Colectiva" na Galeria Dama Aflita, R. da Picaria, 84 (até 15)

Dança e Teatro

"O Lago dos Cisnes" (Tchaikovsky), Ballet Estatal Russo-Rostov no **COLISEU** (8). No **TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO** "As Lágrimas de Saladino", de Rui Horta (5-6 FEV) e "1974", 3 períodos da História de Portugal: a Ditadura, a Revolução de Abril e a entrada na CEE - Teatro Meridional com música de J. Mário Branco (de 13 a 23). No **TEATRO CARLOS ALBERTO:** "O Homem elefante" de B.Pomerance (20 a 30). Continua "O Rapaz do Espelho" no **TEATRO DA VILARINHA** (Até 28)

E ainda...

"CONVERSAS SOBRE AMBIENTE: "Crescimento urbano e impermeabilização, haverá alternativa para os nossos solos?" (13, Biblioteca de Serralves) CICLO DE 14 CONFERÊNCIAS promovido pelo Clube Unesco e Câmara: "A Projecção Internacional do Porto nos Séculos XV-XVI" (até Fev. na Casa do Infante) QUINTAS DE LEITURA no **CAFÉ-TEATRO DO TEATRO DO CAMPO ALEGRE:** "Caxinas para Capital", com Valter Hugo Mãe com música portuguesa "At Freddy's House" (27)

O **TEATRO SÁ DA BANDEIRA** começa como uma estrutura de madeira construída por D. José Catalon para a sua companhia equestre em 1855, o "Teatro Circo". Inaugurado em 1877 e até à abertura da Rua Sá da Bandeira, em finais dessa década, o Teatro que hoje conhecemos passa a denominar-se "Teatro Circo do Príncipe Real" e, 10 anos depois, apenas "Teatro Príncipe Real". Aqui festeja-se, no dia 15, o 2º Aniversário do "CLASH CLUB", projecto desenvolvido pela "Positiva", direccionado para a música electro.

Filmes que marcam, livros que não se esquecem... é disso que é feita esta rubrica. Ano novo, novas propostas dos nossos colaboradores. Aprecie as sugestões deste mês.

Um filme da minha vida

JOSÉ PEDRO FERREIRA



David Fincher

Sete Pecados Mortais

Morgan Freeman interpreta o papel de um detective a uma semana da reforma e Brad Pitt é o jovem algo arrogante e inexperienced que o vem substituir. Apesar de temperamentalmente incompatíveis, vêem-se obrigados a trabalhar juntos durante essa semana, tendo de investigar uma série de crimes que lentamente se percebe estarem relacionados entre si: em todos eles, o autor do crime chama de algum modo a atenção para a “culpa” da vítima. Estamos perante um moralista doentio (Kevin Spacey) que pretende dar uma lição à sociedade, esquecida dos valores morais, através do medo gerado pelas notícias recorrentes de mais um assassinio de alguém que pode, de algum modo, ser relacionado com um dos 7 pecados mortais.

Percebendo o ciclo, e na tentativa de evitar 7 crimes, os detectives lutam contra o tempo para perceber e antecipar o psicopata, entrando num jogo mental de indícios controlado por este, que procura reconhecimento pelo mérito intelectual e importância moralizadora dos seus feitos. Mas eis que, a dado momento, algo de ainda mais inesperado acontece. Uma atitude do criminoso não bate certo. E o espectador suspeita que algo de impensável irá acontecer, só não sabe o quê.

Se7en é um dos melhores filmes de David Fincher. A quem o vê, parece-lhe estranha a falta de Óscares. Talvez tenham ficado por dar devido à frieza do filme. Mas não faz mal: é tudo menos um filme asséptico. É um filme perturbante, que exige estômago. Não é definitivamente um filme de Natal... Mas é um daqueles (poucos?) filmes perfeitos: O elenco de luxo, a trama inteligente e hipnotizante, os cenários impressionantes dos crimes, o final. O final? Há filmes em que podemos contar o final. Contar o final deste seria um autêntico pecado.

Título original: Se7en
De: David Fincher
Com: Morgan Freeman e Brad Pitt
Género: Policial
País/ano: EUA, 1995

Um livro da minha vida

RAQUEL MAGALHÃES

Gabriel Garcia Márquez

Crónica de Uma Morte Anunciada

No dia em que iam matá-lo, Santiago Nasar levantou-se às 5.30 da manhã para esperar o barco em que chegava o bispo.” Assim começa a crónica escrita vinte e sete anos depois daquela fatídica segunda-feira. Sente-se um augúrio, em forma de sonho, um prenúncio de chuva num dia radiante. A premonição que paradoxalmente não é adivinhada. Apesar de, aparentemente, se vislumbrar um desfecho logo nas primeiras linhas, todo o relato nos deixa na expectativa de que no último momento tudo poderá mudar.

Esta história desenrola-se numa aldeia remota das Caraíbas, esquecida, resignada à sua sorte, uma benção maquinal vinda do barco que passa ao largo. A vida rege-se pela ordem imposta pela tradição herdada de geração em geração. O preconceito domina a mentalidade e impõe as regras do jogo. A mulher é moeda de troca na relação de conveniência que o casamento representa, e o amor confunde-se com a fatalidade sendo dela a sua causa e a sua consequência. A honra resume-se a uma mancha, ainda que fabricada, e em seu nome o homem poderoso cai, perante a vulnerabilidade que o seu próprio poder representa ao suscitar temor e inveja entre aqueles que detêm o poder da sua salvação. Uma sucessão de coincidências e desencontros, um anúncio repetidas vezes ignorado, uma porta que se tranca precipitando a chacina às mãos do magarefe. Por fim, a absolvição que se espera quando cada um desempenha o papel que lhe atribuído sem o pôr em causa, ainda que em consciência ninguém fique impune.

Interessantíssima leitura que em apenas cento e vinte quatro páginas põem a descoberto as incongruências de uma sociedade machista, regida pela lei dos poderes instalados, onde cada um esconde a sua verdade nem que para isso sacrifique a própria vida.



Madame Bovary

Gustave Flaubert
Relógio d'Água,
1991



BETAR

**35 ANOS NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**

**REABILITAÇÃO DO SOLAR DA BOA NOVA
NA BIBLIOTECAMUNICIPAL
VILA DO PORTO, STA MARIA - AÇORES**